



Desgovernabilidade

► **Bolsonaro pode ser definido como um antipresidente. Age como chefe de bando**

O Brasil não vive apenas uma crise de governabilidade, mas uma desgovernabilidade. Ao contrário do conceito de crise de governabilidade (não governabilidade), o de desgovernabilidade ainda não foi incorporado ao uso corrente da ciência política.

A crise de governabilidade estrutural-se em oposição à governabilidade. No sistema republicano e federativo, tal como foi instituído nos Estados Unidos com a Constituição de 1787, a governabilidade estrutura-se de forma policêntrica, tanto na separação republicana do poder entre Executivo, Legislativo e Judiciário quanto na sua distribuição federativa e territorial entre União, estados e condados (municípios). Quer dizer: a gestão política e administrativa tem vários centros de poder, cada um deles com funções constitucionalmente definidas, num sistema de equilíbrios, freios, e controles mútuos e complementaridades.

A governabilidade vai além do conjunto de condições necessárias para o exercício do poder. Ela diz respeito à capacidade, à eficiência e à efetividade de execução das políticas públicas concernentes às necessidades e demandas da sociedade e aos fins do Estado. A crise de governabilidade refere-se à desorganização ou disfuncionalidade das condições de exercício do poder e à incapacidade e inefetividade de execução das políticas públicas e da gestão política e administrativa.

Não existe uma teoria sistemática da crise de governabilidade, mas algumas hipóteses não consensuais. Uns apontam que ela decorre do excesso de demandas e problemas que o Estado deveria responder e ao expansionismo de seus serviços, o que terminaria por levar a uma crise fiscal. Uma visão conservadora da crise, a de Samuel Huntington, sustenta que ela decorre do excesso de participação da sociedade, o que gera complexidades, conflitos, instabilidades, minando a capacidade de coesão do governo, reduzindo sua legitimidade e sua autoridade.

Poder-se-ia contrapor a essa tese a ideia de que a crise de governabilidade decorre da baixa participação e organização da sociedade civil, que, assim, não consegue estruturar com coerência seus interesses e demandas orientadas para o Estado. Ela não teria força para garantir direitos. Seja qual for a hipótese explicativa, a crise de governabilidade combina dois elementos: **1.** Crise de gestão; e **2.** Perda de apoio político pelo governo.

Com a ascensão de Bolsonaro ao poder, a crise de governabilidade, que vinha se arrastando desde 2015 e foi agravada pelo golpe, associou-se a um novo elemento: a desgovernabilidade. A desgovernabilidade implica uma ação sistemática para destruir as condições e as instituições de governabilidade. Bolsonaro promove ataques destrutivos a várias instituições e a órgãos de regulação, fiscalização e investigação, sabota a Constituição, corrói a imagem do Brasil no mundo...

Não por acaso, bolsonaristas radicais adotam discurso antissistema, com pretensões “revolucionárias”. Bolsonaro nega-se a governar. O pouco de governabilidade deve-se a alguns ministros. A ação

preeminente de Bolsonaro consiste em gerar conflitos, divisões, desavenças, arruaças políticas. Bolsonaro pode ser definido como um antipresidente, pois faz tudo o que um presidente não deveria fazer e não faz nada do que um presidente deveria fazer. Ele age como chefe de bando.

A associação da crise de governabilidade com a desgovernabilidade e com a pandemia tornou-se catastrófica para o Brasil. A desgovernabilidade não diz respeito à incompetência e à incapacidade. Estas existem no governo. Mas diz respeito à ação do presidente e do governo orientada para produzir o mal. Isso explica a destruição do sistema de saúde, da educação, o ataque à ciência, ao meio ambiente, o desprezo pela vida, o desrespeito aos mortos e tantas outras atitudes que indicam a presença de traços psicopáticos.

O desgoverno de Bolsonaro afetou todas as estruturas políticas e administrativas do País. O Judiciário, que sempre foi tendencioso, tinha sido desorganizado pelo Tribunal de Exceção de Curitiba e pela Lava Jato. Mas agora tudo é mais grave: as estruturas federativas explodiram, tanto na relação entre estados e União quanto na relação entre municípios e estados. O desentendimento e a desorientação prevalecem. Na pandemia, poucos se entendem.

O desgoverno é policêntrico. O próprio Judiciário ora sabota e ora impõe medidas sanitárias. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, eleito com votos do PT e de bolsonaristas, violou a Constituição ao não instaurar a CPI da Saúde. Só o fez por determinação do STF. O fato é que a Constituição vale pouco mais que nada. Bolsonaro é o seu maior violador. Quando a Constituição não vale, quando não há autoridade e liderança, o caos não tem limites. •

alfornazieri@gmail.com